

**Campos Gonçalves, Bruna**

*O conceito de realeza de Temístio e Amiano Marcelino: o caso do imperador Valentiniano I*

De Rebus Antiquis Año 4 N° 4, 2014

Este documento está disponible en la Biblioteca Digital de la Universidad Católica Argentina, repositorio institucional desarrollado por la Biblioteca Central "San Benito Abad". Su objetivo es difundir y preservar la producción intelectual de la Institución.

La Biblioteca posee la autorización del autor para su divulgación en línea.

Cómo citar el documento:

Campos Gonçalves, Bruna. "O conceito de realeza de Temístio e Amiano Marcelino : o caso do imperador Valentiniano I" [en línea], *De Rebus Antiquis* 4 (2014).

Disponible en: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/conceito-realeza-temistio-amiano.pdf> [Fecha de consulta:.....]

## O CONCEITO DE REALEZA DE TEMÍSTIO E AMIANO MARCELINO: O CASO DO IMPERADOR VALENTINIANO I

**BRUNA CAMPOS GONÇALVES**  
*LEIR/ UNESP-Franca*

**Abstract:** In the context of Late Antiquity, we observe the ideals of Royalty of two authors who shared the political events between the governments of Constantius II to Theodosius (337-395 AD), namely: the philosopher Themistius (317-388 AD) with his political speeches; and the military Ammianus Marcellinus (325 / 330-395 AD) with his work Res Gestae. During our study, we will seek to observe the characteristics of each author, and converge their life experiences to meet the convergent and divergent points of its concepts around the Imperial responsibilities. In the meantime, we emphasize the interactions between Romans and barbarians, very noticeable at that time; and how this process of interaction of cultures has influenced the thinking of the late-ancient writers studied here. Observing how a philosopher and a military developed such ideals in relation to the ruler: Valentinian I (364-375 AD), for that we made a more specific analysis of VI Speech of Themistius - the Brotherly Love or About humanity - and the XVI - XXX Books of Ammianus Marcellinus. Thus, in a time of great cultural socio-political effervescence, two non-Christian writers have written their work, in order to re-member your audience the importance of the virtues and both based on examples from the classical tradition.

**Keywords:** *Late Antiquity – Royalty – Themistius – Ammianus Marcellinus*

**Resumo:** No contexto da Antiguidade Tardia, observamos os ideais de Realeza que se propagaram no Império Romano no século IV d.C., mais especificamente, nos relatos de dois autores que partilharam dos acontecimentos políticos ocorridos entre os governos de Constâncio II a Teodósio (337-395 d.C.), sendo eles: o filósofo Temístio (317-388 d.C.) com seus discursos políticos; e o militar Amiano Marcelino (325/330-395 d.C.) com sua obra Res Gestae. Ao longo de nosso estudo, buscaremos observar as características de cada autor, e confluir suas experiências de vida para encontrarmos os pontos convergentes e divergentes de seus conceitos em torno das responsabilidades Imperiais. Nesse ínterim,

ressaltarmos o entrelaçamento entre romanos e bárbaros, muito perceptível nesse momento; e como este processo de interação de culturas influenciou no pensamento dos escritores tardo-antigos aqui estudados. Preocupamo-nos em observar como um filósofo e um militar desenvolveram tais ideais em relação ao governante: Valentiniano I (364-375 d.C.), para tanto fizemos uma análise mais específica dos Discurso VI – ao Amor Fraternal ou Sobre a Humanidade – de Temístio e dos Livros XVI a XXX de Amiano Marcelino. Assim, em um momento de grande efervescência sócio-político cultural, dois autores não cristãos escrevem seus trabalhos, com o intuito de lembrarem seu público à importância das virtudes e para tanto se baseiam em exemplos da tradição clássica.

**Palavras Chave:** *Antiguidade Tardia – Realeza – Temístio – Amiano Marcelino*

### **1. A Realeza em Temístio e Amiano Marcelino**

O Império Romano vivenciou novas experiências durante a Antiguidade Tardia, período que abarca de meados do século III d.C. ao VIII d.C. e ao qual nos referimos nesse estudo. Dentre essas, observamos a confluência de antigos valores morais e de conduta misturar-se com as novas configurações e necessidade do Império Romano. Durante o século IV d.C. notamos novos parâmetros na disposição sóciopolítica imperial, na qual o Exército ganha ainda mais destaque, o estrangeiro se sobressalta no serviço militar romano e o culto aos Deuses começa a dividir seu espaço com a adoração ao Deus Cristão.

Nessa conjuntura, plena de ideias híbridas, se insere os panegíricos de Temístio e a obra de Amiano Marcelino. Ambos provenientes do Império Romano Oriental, sendo o primeiro da região da Paflagonia, hoje pertencente à região da Turquia; e o segundo nato da Antioquia, que atualmente compõe a Síria. Cabe ressaltar que entendemos tais trabalhos como frutos de seu tempo, apresentando aspectos característicos do momento e das vivências de cada um dos autores.

Os dois autores tardo-antigos, aqui trabalhados, possuem outras características em comum. Tanto um como o outro tiveram uma formação dentro da cultura clássica e da retórica; nasceram e foram criados dentro dos costumes não cristãos, embora acreditemos que, de certa forma, tiveram contato com os diversos cristianismos da época, pois todo esse conjunto político-religioso fazia parte de seu tempo; provinham de famílias abastadas, às quais deram todas as condições para crescerem nas profissões escolhidas por cada um deles.

No que se referem à Realeza, buscamos entender o ponto de vista dos dois, do filósofo Temístio e do militar Amiano Marcelino, uma vez que encontramos em seus escritos preocupações semelhantes, destacando uma esfera de pensamento do momento vivido por eles. Sublinhamos que muitos autores da Antiguidade Tardia se detiveram nessa questão, não sendo privilégio nem do paflagoniano, nem do antioquiano, assim, compreendemos que não estamos abordando um todo, mas sim um fragmento do que se pensava a respeito da conduta de um governante imperial no século IV d.C.

Nesse momento, buscaremos observar a correlação deles no que tange o pensar a Realeza. Em torno desse quesito, encontramos alguns pensamentos intrínsecos tanto em um quanto no outro, como é o caso das virtudes e da tolerância religiosa.

No tocante às qualidades morais necessárias a um bom governante, percebemos que os dois gregos concordam. Ambos acreditam que o Imperador deveria ficar distante dos vícios, pois estes poderiam levá-lo à crueldade e à tirania, aspectos abomináveis em administradores imperiais. Salientam características como a humanidade, bem presente no pensamento temistianiano, a temperança, a moderação, a clemência, a generosidade, a equidade, entre outras. Dessa forma, observamos o desenhar de constructos identitários entre Amiano e Temístio

Para Temístio, “A vida será esplêndida e feliz quando surgir um rei jovem, temperante, dotado de boa memória, valente, generoso e alerta” (TEMÍSTIO, *Disc.* III.46a). O filósofo tomou emprestadas essas palavras de Platão, e buscou a todo

tempo levá-las aos monarcas, lembrando-os sempre de suas responsabilidades para com seus súditos. Da mesma forma, vemos na narrativa de Amiano, anos após, a valorização de semelhantes virtudes.

Ele era um homem (Juliano) verdadeiramente a ser contabilizado juntamente com os espíritos heróicos, distinguido por seus feitos ilustres e sua inata majestade. Para tanto existe, na opinião dos filósofos, quatro principais virtudes, moderação, sabedoria, justiça e coragem e correspondentes a essas também algumas características externas, como o conhecimento da arte da guerra, autoridade, boa sorte, e liberalidade, estas como um todo e separadamente eram cultivadas por Juliano com constante zelo. (AMIANO MARCELINO, *Hist.*, XXV.4.1)

Nessa medida, acreditamos que os ideais desses giravam em torno dos mesmos valores de boa conduta. Os dois, filósofo e militar, acreditavam na ascensão imperial por meio da escolha divina; Deus escolheria o futuro governante na terra por intermédio dos homens responsáveis pela eleição imperial. Porém, cabe salientar que, para Temístio, era uma intervenção direta do Deus supremo enquanto que em Amiano há somente uma inspiração dos Deuses. De maneira que cabia ao então detentor do poder imperial atuar em conformidade com as virtudes, demonstrando, aptidão para o serviço designado, cuidar das pessoas que vivem em seu domínio, e quiçá até daquelas que estão do outro lado da fronteira.

Nos discursos de Temístio, tais caracteres são abordados diretamente, e o autor vai adiante mostrando que o Imperador deveria ser a imagem e semelhança de Deus na terra, para tanto deveria se espelhar nas qualidades do Soberano universal. Pois, os monarcas eram os únicos capazes de colocar em exercício as virtudes divinas, principalmente a *philantrōpía* ou humanidade, que só podiam ser apreendidas pelos filósofos, não aplicadas.

Diferentemente, Amiano não aborda o tema diretamente, mas deixa entrever em seu texto suas preocupações e o seu entendimento sobre os valores morais esperado a um imperador. Percebemos na leitura da *Res Gestae*, que o autor abomina a crueldade, e sendo assim contrapõe as atitudes virtuosas com as

ações excessivas dos imperadores, demonstrando quais considerava dignas ao bom *príncipes* e quais o tornava cruel, um tirano. Para o militar os Deuses inspiravam a escolha do governante na terra, porém era exclusivamente responsabilidade do escolhido se manter à altura do cargo designado a ele.

Durante a análise dos ideais de cada autor, notamos que ambos eram contra a violência em torno da religiosidade. Tanto Temístio como Amiano se posicionam a favor de uma Tolerância Religiosa, sendo esse um traço identitário muito importante. O filósofo defende abertamente em seus discursos aos Imperadores à relevância para o bem social de se manter uma postura de respeito a todas as formas de adoração a Deus.

De forma um pouco peculiar, vemos Amiano defender a liberdade de culto. No que tange à religiosidade, o militar procurou abster-se, mesmo porque não era sua intenção fazer uma história da religião. Mas como fruto de seu tempo, o autor acaba por mostrar em alguns pontos de seu trabalho seu posicionamento em torno dessa questão. Um exemplo marcante é sua crítica à política contra os professores cristãos do Imperador Juliano, governante este que o militar tardo-antigo nutria uma intensa admiração.

No que concerne à questão do elemento estrangeiro, notamos que há convergências e divergências entre os dois escritores: Temístio e Amiano Marcelino. Ambos demonstram em seus escritos uma preocupação quanto à política aplicada ao bárbaro. Enquanto o filósofo esboça uma linha de raciocínio parecida com a utilizada na defesa da multiplicidade de cultos religiosos, o militar rechaça uma política aberta de assimilação e tolerância dos não romanos.

Dessa maneira, percebemos uma diferença entre os pensamentos dos dois autores gregos, no que se refere à postura diante dos bárbaros. Enquanto o filósofo achava que o governante deveria se importar com todos os homens habitantes na terra, o militar achava que o governante deveria se preocupar somente com aqueles que contribuiriam com a manutenção do Império Romano. Em nossa opinião, o pensamento de Temístio é típico de um funcionário da corte imperial que ocupa uma posição nos meandros das organizações públicas, enquanto que o

militar Amiano Marcelino atuava nos campos de guerras, presenciando diretamente os ataques dos povos bárbaros inimigos (não adaptáveis ao domínio político romano).

Assim, em meio a essa efervescência do momento, percebemos convergências e divergências no pensamento de dois autores da Antiguidade Tardia: um militar, Amiano Marcelino, e um filósofo, Temístio. Uma questão que nos desperta interesse nos textos estudados é a posição de ambos os autores quanto a eleição e o governo de Joviano, pois foi um Imperador advindo das forças militares em um momento de tensão, em plena guerra contra os Persas. Dessa forma, é curioso notarmos como os conceitos de Realeza, aqui estudados, se expõem nesse governante que ascendeu de maneira distinta ao cargo de Imperador.

## **2. O Imperador Valentiniano I**

Logo após o falecimento do Imperador Joviano, o alto comando e os oficiais civis se reuniram em Niceia para, mais uma vez, escolherem o sucessor Imperial. Muitos foram cogitados ao cargo, porém decidiram por um Panoniano pertencente à guarda imperial, assim como seu antecessor. Valentiniano foi o escolhido.

Destacamos, ainda, a existência, entre os militares presentes na reunião eletiva, de generais bárbaros, ou melhor, que haviam nascido em terras estrangeiras, mas que teriam adotado Roma. O que nos faz perceber a confluência das interações sóciopolítico-culturais que estavam ocorrendo naquele momento do IV século d.C., já que não percebemos uma distinção no peso das decisões de um militar genuinamente romano e um de ascendência bárbara.

Na descrição de Amiano, o sucessor de Joviano teria sido escolhido pela cúpula bélica juntamente com um grupo de oficiais civis, por “inspiração dos poderes celestes e por unanimidade, Valentiniano foi escolhido como o homem adequado e que preenchia todos os requisitos” (26.1.5). O antioquiano,

anteriormente, comenta que estavam à procura de uma pessoa de comprovada dignidade para o cargo de Imperador. Sendo assim, compreendemos que o militar tardo-antigo teria visto na pessoa de Valentiniano a dignidade Imperial que procuravam.

Quando recebeu a veste púrpura e o diadema, diante de todos os soldados, Valentiniano pronuncia um discurso, o qual inicialmente, de acordo com a narrativa de Amiano Marcelino, ninguém queria ouvir, mas no decorrer de suas palavras o novo Imperador ganha o apoio de todos os presentes. Em seu pronunciamento, Valentiniano ressalta a importância de escolher um colega com igual poder para lhe auxiliar no governo do vasto território Romano.

Valentiniano cumpre sua promessa feita diante dos soldados, e escolhe como companheiro de governo seu irmão Valente. Ignorando os conselhos do comandante de cavalaria Dagalaifus, o qual expôs duas opções, nas palavras de Amiano: “Se você ama os seus familiares, excelente imperador, você tem um irmão; se é o estado que você ama, procure outro homem para vesti-lo com a púrpura”. (26.4.1).

Hans Teitler sustenta que embora Amiano destaque muitos dos aspectos negativos de Valentiniano, principalmente a crueldade do governante, o autor militar, também, percebe alguns elementos positivos no Imperador panoniano, como coragem e autoridade (TEITLER, 2007: 64), como vemos na hora em que discursa aos soldados e quando aponta seu irmão para dividir as funções imperiais.

Temístio, em seu único discurso que ressalta Valentiniano, sublinha o amor fraterno como um caminho para *philantrōpía*, a humanidade, característica marcante no ideal de Realeza do paflagoniano. O filósofo tem em sua autoria seis panegíricos a Valente, porém somente no primeiro desses discursos homenageia o Imperador Valentiniano, também. Já o militar escreve do livro XXVI ao XXX sobre o governo dos irmãos.

Por Temístio fazer um discurso em homenagem a Valentiniano e Valente, no início do governo dos dois irmãos, pouco podemos perceber sobre os aspectos

característicos do governo do primeiro. Porém, notamos alguns elementos que permeiam a conjuntura da época e as aflições do filósofo, por exemplo: enaltece sua própria profissão, aponta o pouco conhecimento do Imperador, distingue a tirania, aclama todos como filho de Deus e sobressalta o amor fraterno, provavelmente não só porque era um dos objetivos de Temístio, mas por ser um discurso dirigido a dois irmãos.

A nosso ver, Temístio estava preocupado com o governo desses dois príncipes, uma vez que não detinham conhecimento algum em filosofia, retórica ou da tradição clássica. Tudo indica que, a aflição do filósofo esteja ligada à fama desse novo Imperador Valentiniano I, a qual o militar Amiano indicou no seu texto, Valentiniano possuía uma crueldade que poderia caracterizar-se numa tirania. Tal preocupação é perceptível no discurso de Temístio aos dois governantes, Valentiniano e Valente, a começar pelo título do panegírico: Ao amor fraterno ou À *philantrōpía*, tendo pontuado em toda a oração os benefícios da filosofia e do amor fraterno que leva à *philantrōpía* e à imagem e semelhança de Deus.

Em seguida, o filósofo destaca o vínculo de simpatia e parentesco da realeza e da filosofia, tendo em vista que ambas foram enviadas por Deus com missões idênticas: atender e corrigir os homens. Nesse momento de seu discurso, Temístio sublinha a incompatibilidade da tirania com a filosofia, e por assim dizer com a Realeza. Na visão do panegirista, é dever do governante manter a ordem dentro do Império, nessa perspectiva diferencia a tirania com um governo bem sucedido.

A questão principal do discurso VI do Temístio, como o próprio nome diz, se concentra no amor fraterno e na humanidade. Buscou, a todo instante, pontuar as qualidades de ter um irmão como companheiro na administração de um império tão vasto, sem deixar de sublinhar que o amor que há entre eles pode se estender a todos, e dessa forma alcançam o Supremo celeste.

Em contrapartida, o militar Amiano descreve o governo de Valentiniano e Valente com maiores detalhes, mesmo porque escreveu sua obra anos após o

governo dos dois Imperadores, ao contrário de Temístio que redigiu seu panegírico no calor dos acontecimentos enquanto os governantes ainda eram vivos. Nessas perspectivas, analisamos que o autor militar da tardo-antiguidade tem uma maior liberdade de crítica.

Em um trecho do livro XXVII, o historiador antioquiano discute a natureza da crueldade, e aponta especificamente Valentiniano como detentor dessa falta de caráter. Na concepção de Amiano, o Imperador panoniano tem uma reputação de crueldade, que consegue um ínfimo controle no início de seu governo. Essa atitude descontrolada do governante acabou por prejudicar muitos homens, nas palavras de Amiano.

Valentiniano era conhecido por ser um homem cruel, e embora no começo de seu reinado, no intuito de diminuir sua reputação de implacável, ele algumas vezes se esforçou para manter seu ímpeto feroz subordinado ao controle da mente, mas o impulso, guardado e na espreita, pouco a pouco irrompeu sem restrições e causou a destruição de muitos homens; e foi aumentada por surtos intensos de raiva. Os filósofos definem raiva como uma longa e continuada, algumas vezes permanente, úlcera da mente, usualmente causada pela fraqueza do intelecto. (AMIANO MARCELINO, *Hist.*, XXVII.7.4).

Porém, ao analisarmos o texto de Amiano, observamos que o militar além de levantar os aspectos negativos do governo de Valentiniano consegue distinguir as qualidades existentes no Imperador. O autor da *Res Gestae* dedica uma parte de seu livro XXX à exaltação das virtudes de Valentiniano, embora o faça após detalhar a crueldade, a ganância, a inveja e a covardia do Imperador.

Os atributos de Valentiniano exaltados por Amiano Marcelino, no final do trigésimo livro, são substancialmente relacionados à força bélica do governante, por exemplo: prima pela disciplina militar; mostra habilidade e cuidado quando em guerra; inventor de novos tipos de armas; e reconhece o certo e o errado num concílio. Outras questões, também, chamam a atenção do militar, como a postura sóbria do Imperador, sem sentimentos obscenos; o cuidado com a concessão de

cargos, não privilegiava seus parentes; e a neutralidade de Valentiniano em assuntos religiosos.

Ao ponderarmos todas as questões aqui levantadas, sobre o governo de Valentiniano, percebemos que ele não alcançou o ideal de Realeza sugerido por Amiano Marcelino. Uma vez que o governante não soube se moderar, ou seja, não foi capaz de controlar seu temperamento forte e cruel, e na perspectiva do autor militar o Imperador detinha poucas virtudes, que compunham o conceito de Realeza do antioquiano. Dentre essas qualidades, encontramos a aptidão de Valentiniano à guerra, sua conduta modesta e sua tolerância religiosa.

No que concerne à visão do filósofo, o novo governante foi escolhido pelos céus e inicia seu governo com uma grande atitude, pois, ao escolher seu irmão para dividir a administração do vasto Império, mostra ser possuidor do amor fraternal, e conseqüentemente da humanidade, quesito importantíssimo no conceito de Realeza do filósofo. Porém, não encontramos nesse panegírico as outras características que permeia o ideal do panegirista, o que nos indica que não alcançou o conceito de Realeza de Temístio.

Assim, notamos uma divergência no que concernem as características atribuídas a Valentiniano pelos autores gregos. Amiano descreve os feitos militares e a conduta do Imperador nas guerras, sua passagem por cidades e como aplicava sua justiça, ressalta em muitos momentos a crueldade com que Valentiniano tratou esses assuntos. Em contrapartida, Temístio buscou destacar o lado humanitário do governante, pois acreditamos que o filósofo tinha receio da atitude dos Imperadores em não corresponder às características daquilo que entendia como Realeza.

## BIBLIOGRAFIA

### *i. Documentação Primária Impressa*

1. MARCELLINUS, AMMIANUS (1982). *History*. With an English translation by John C. Rolfe. London: The Loeb Classical Library, 3v.
2. MARCELLIN, AMMIEN (1978). *Histoire*. Avec la traduction en français de Edouard Galletier e Jacques Fontaine. Paris: Belles Lettres.

3. TEMISTIUS (2000). *Discursos Políticos*. Con traducción al español de Joaquín Ponce Ritore. Madrid: Gredos.
4. TEMISTIUS (1999). *The private Orations of Themistius*. With an English translation by Robert J. Penella. California: University of California Press.

**ii. Obras de apoio**

1. ALFÖLDY, A. (1952). *A Conflict of Ideas in the Late Roman Empire: The clash between the Senate and Valentinian I*. Oxford: At the Clarendon Press.
2. AVERY, W. T. (1940). The "Adoratio Purpurae" and the Importance of the Imperial Purple in the Fourth Century of the Christian era. *Memoirs of the American Academy in Rome*. Vol. 17, pp. 66-80.
3. BARNES, T. D. (1998). *Ammianus Marcellinus and the Representation of Historical Reality*. New York: Cornell University.
4. BOEFT, J. den; DRIJVERS, J. W. - HENGSTAND, D. den - TEITLER, H. C. (orgs) (2007). *Ammianus after Julian: The Reign of Valentinian and Valens in Books 26-31 of the Res Gestae*. Leiden: Brill.
5. BROWN, P. (1992). *Power and Persuasion in Late Antiquity. Towards a Christian Empire*. USA: The University of Wisconsin Press.
6. BURKE, P. (2003). *Hibridismo cultural*. Coleção Aldus – 18. São Leopoldo: Ed. Unisinos.
7. CAMERON, Alan. (1964). The Roman Friends of Ammianus. *The Journal of Roman Studies*. Vol. 54, Parts 1 and 2, pp. 15-28.
8. CAMUS, P-M. (1967). *Ammien Marcellin: Témoin des Courants culturels et Religieux a la fin du IVe. siècle*. Paris: Les Belles Lettres.
9. CARRIE, J-M. - ROUSSELLE, A. (1999). *L'empire romain en mutation: des Sévères à Constantin 192-337*. Paris: Éditions du Seuil.
10. CARVALHO, M. M. (2006). Temístio, o imperador Juliano e a discussão em torno do conceito de realeza no século IV d.C. *Revista História*, Universidade Federal de Goiás, v. 11, n. 1, jan/jun.
11. \_\_\_\_\_. (2010). *Paidéia e Retórica no Século IV d.C.: A Construção da Imagem do Imperador Juliano Segundo Gregório Nazianzeno*. Anablume: São Paulo.
12. CRUMP, G. (1972). Ammianus and the late Roman Army. *História*, n. 23, pp. 91-103.
13. DAGRON, G. (1968). L'empire romain d'Orient au IVe siècle et les traditions politiques de l'hellénisme: le témoignage de Thémistios, *Travaux et Mémoires*, vol. 3, pp.1-242.
14. DOWNEY, G. (1955). Education and Public Problems as Seen by Themistius. In.: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*. No. 86, pp.291-307.
15. \_\_\_\_\_. (1957). Themistius and the Defense of Hellenism in the Fourth Century. *HTLR*, no. 50, pp. 259-274.
16. DRIJVERS, J. W. - HUNT, D. (2006). *The Late Roman World and its Historian: Interpreting Ammianus Marcellinus*. London and New York: Routledge, 1999.
17. ERRINGTON, R. M. *Roman Imperial Policy from Julian to Theodosius*. The University of North Carolina Press, Chapel Hill.
18. GONÇALVES, A. T. M. (2006). A Legitimação do poder imperial e os problemas sucessórios nos brevíários de história romana produzidos no IV século d.C.

- História Revista*. Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFG. V.11 n.01, pp.1-15.
19. HEATHER, P. (1998). Themistius: A political philosopher. In: WHITBY, Mary. *The propaganda of Power: The Role of Panegyric in Late Antiquity*. Leiden: Brill.
  20. \_\_\_\_\_. (1999). The barbarian in late antiquity: image, reality, and transformation. In: MILES, Richard. *Constructing Identities in Late Antiquity*. London: Routledge, pp.234-258.
  21. \_\_\_\_\_. - MANCOUR, David (2001). *Politics, Philosophy, and Empire in the Fourth Century: select Orations of Themistius*. Liverpool: Liverpool University Press.
  22. HENRY, M. (1987). *La Barbárie*. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle.
  23. JENKINS, K. (2004). *A História Repensada*. São Paulo: Contexto.
  24. JONES, C. P. (1997). Themistius and the Speech to the King. *Classical Philology*. Vol. 92, no. 2, pp. 149-152.
  25. LENSKI, N. (2000). The Election of Jovian and the Role of the Late Imperial Guards. *Klio*, v. 82, no. 2, pp. 492-515.
  26. \_\_\_\_\_. (2002). *Failure of Empire: Valens and the Roman State in the Fourth Century A.D.*, Berkley: University of California Press.
  27. LIEBESCHUETZ, J.H.G.W. (1990). *Barbarians and Bishops: Army, Church, and State in the Age of Arcadius and Chrysostom*. Oxford: Clarendon Press.
  28. MACHADO, C. A. R. (1998). *Imperadores imaginários: Política e Biografia na História Augusta. (Século IV d.C.)*. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.
  29. MENDES, N. M. - SILVA, G. V. (2004). As Representações do poder Imperial em Roma entre o Principado e o Dominato. *Dimensões*. No. 16, pp. 241-270.
  30. MERIDIER, L. (1906). *Le Philosophe Thémistios: devant L'opinion de ses contemporains*. Rennes: Imprimerie brevetée Francis Simon.
  31. MILLAR, F. (1967). Emperor at Work. *The Journal of Roman Studies*. V. 57, no.1/2, pp. 9-19.
  32. \_\_\_\_\_. (1977). *The Emperor in the Roman World*. London: Duckworth.
  33. PONCE, J. R. (2002). La Clemencia del Monarca y la Insuficiencia de la Ley en la antigüedad Tardía: El Testimonio de Temistio. *Habis*, no. 33, pp. 507-520.
  34. POTTER, D. S. (2004). *The Roman Empire at Bay AD 180-395*. London: Routledge.
  35. SABBAAH, G. (1978). *La Méthode d'Ammien Marcellin: Recherches sur la construction du Discours Historique dans les Res Gestae*. Paris: Les Belles Lettres.
  36. \_\_\_\_\_. (2003). Ammianus Marcellinus. In: MARASCO, G. *Greek & Roman historiography in Late Antiquity*. Leiden: Brill.
  37. SAYAS, J. J. (1972). Aportaciones de Temistio a determinados problemas imperiales. *Hispania Antiqua*, pp.35-54.
  38. SEAGER, R. (1986). *Ammianus Marcellinus: Seven Studies in His Language and Thought*. Columbia: University of Missouri Press.
  39. SILVA, G. V. (2003). *Reis, Santos e Feiticeiros: Constâncio II e os Fundamentos Místicos da Basiléia (337-361d.C.)*. Vitória: EDUFES.
  40. \_\_\_\_\_. (org.) (2006). *Repensando o Império Romano: Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural*. Vitória: EDUFES.

41. STERTZ, S. A. (1976). Themistius: A Hellenic Philosopher-Statesman in the Christian Roman Empire. *The Classical Journal*, vol. 71, no. 4, pp. 349-358.
42. THOMPSON, E. A. (1947). *The Historical Work of Ammianus Marcellinus*. Cambridge: Cambridge University Press.
43. \_\_\_\_\_. (1982). *Romans and Barbarians: The Decline of the Western Empire*. Madison, The University of Wisconsin Press.
44. VANDERSPOEL, J. (1989). Themistius on the Source of Purple ("Or." 4.61a). *Mnemosyne*, Fourth Series, Vol. 42, Fasc. 3-4, pp. 492.
45. \_\_\_\_\_. (1996). *Themistius and the Imperial Court: Oratory, Civic Duty, and Paideia from Constantius to Theodosius*. Michigan: University of Michigan Press
46. VALENSI, Louis. (1957). Quelques réflexions sur le pouvoir imperial d'après Ammien Marcellin. *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, Paris, Les Belles Lettres, V. 16, no. 04, pp. 62-107.